



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

SÃO PAULO, SP, 9 DE JULHO DE 1999

Senhor Vice-Governador, meu amigo Geraldo Alckmin; Senhor Prefeito; Senhor Ministro de Angola, Antônio Domingos Costa Neto; Senhor Ministro Interino das Relações Exteriores, Embaixador Seixas Corrêa; Senhores Ministros, Secretários, Senhores Presidentes da Fiesp, empresários, Diretores do Senai, Senhoras e Senhores,

O Ministro Seixas Corrêa já expressou as razões pelas quais nos sentimos jubilosos, hoje, por estarmos aqui.

O Brasil tem uma relação antiga e muito especial com Angola. Estive em Angola, em 1996, como Presidente da República e visitei não apenas Luanda. Estive no interior de Angola, em Kuito, e vi o esforço imenso, o sacrifício imenso daquele povo. Anos e anos de guerra fratricida, crianças aleijadas pela guerra. Essa cidade de Kuito já foi ocupada e desocupada e destruída algumas vezes, e ainda recentemente. Para quem tem essa experiência, é muito importante ver que o Brasil entende a dimensão da solidariedade para com Angola.

Essa solidariedade é política. Ainda recentemente, num encontro que tivemos no Rio de Janeiro entre os dirigentes da América Latina, do

Caribe e da Europa, mencionei Angola como um foco que o mundo devia estar olhando para criar as condições de paz nesse país. Mas não é apenas política. Tem que ser uma solidariedade concreta, uma solidariedade prática. E solidariedade prática não significa apenas investimento – temos investimentos em Angola. Não significa apenas comprar o petróleo de Angola, até porque ele é de muita utilidade para nós. Significa também desenvolver Angola. E o desenvolvimento, hoje, cada vez mais se percebe, depende do que alguns economistas chamam de capital humano, depende da formação das pessoas, depende da informação, mas, mais do que a informação, da formação. Nada substituí a capacitação profissional, a competência técnica, a capacidade inovadora. E nós, modestamente, podemos hoje oferecer um primeiro passo importante a Angola, com esse Centro Móvel de Treinamento e com o que nós, no Brasil, temos de melhor nessa matéria, que é o Senai, que é a nossa competência também desenvolvida aqui no Brasil. E essa experiência de que nós já dispomos de treinamento de centenas de milhares de pessoas, de milhões de pessoas mesmo, tem constituído, realmente, a base para o nosso progresso.

Ainda agora, chegando de Brasília, olhando essa imensa cidade de São Paulo, no avião, conversando com os que estavam me acompanhando, sentimo-nos orgulhosos de São Paulo. Mas São Paulo pôde crescer, pôde ser o que é hoje porque desenvolveu educação pública, escola primária de boa qualidade, desenvolveu uma grande universidade, tem escolas técnicas, tem o Instituto Agrônômico no interior de São Paulo. Criamos as bases. O estado tem o IPT, que fez cem anos recentemente. Existem as bases morais e intelectuais para que, depois, pudesse existir, como existe hoje, uma materialização de progresso em fábricas, em edifícios, em serviços, em grandes salas de espetáculos. Ainda hoje, na Estação Júlio Prestes, vamos estar presentes com o grande Governador Mário Covas, que estará inaugurando essa sala de espetáculo. Tudo isso foi possível por causa dessa base tecnológica e de informação.

Espero, senhor Ministro, que, ao transmitir ao Presidente Eduardo Santos as minhas saudações, as nossas saudações de brasileiros, que os Senhores recebam essa cooperação da Agência ABC, do nosso Ministé-

rio das Relações Exteriores, como uma demonstração da nossa sinceridade no relacionamento com Angola. Espero que possamos continuar contribuindo, ativamente, para que Angola avance nas suas condições morais, materiais, espirituais e para que possamos manter sempre esse espírito de solidariedade. Toda gente sabe que se hoje o Brasil pode, eventualmente, dar uma pequena colaboração para o desenvolvimento de Angola, uma parte do nosso desenvolvimento se deveu a braços que de lá vieram e que aqui labutaram – sabe Deus em que condições –, permitindo construir, também, um dos pilares dessa nossa riqueza. Não fazemos mais, portanto, do que a nossa obrigação em retribuir, modestamente, aquilo que Angola já nos deu.

Muito obrigado.